



Reflexões sobre personagens melancólicas: um olhar sobre o romance de João Tordo

Reflections on Melancholic Characters: A View to João Tordo's Novel

José Luís Giovanoni Fornos

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul / Brasil

jlgf@vetorial.net

<http://orcid.org/0000-0002-4257-4892>

Resumo: O presente artigo examina o comportamento das personagens no romance *O luto de Elias Gro* (2015), do escritor português João Tordo, levando em conta os efeitos traumáticos que as assolam frente às situações trágicas. O romance apresenta os espaços geográfico, arquitetônico e literário como condicionantes, sem, todavia, associá-los à história e ao nome de um país ou região. Num sentido global, o romance traz uma reflexão acerca da fragilidade humana quando se depara em situações de perda. Para tanto, o ensaio *Luto e melancolia*, de Sigmund Freud, serve como referência inicial, observando o seu aproveitamento para a compreensão das figuras em ação no romance.

Palavras-chave: melancolia; romance português do século XXI; João Tordo.

Abstract: This article discusses the behavior of characters in the novel *Mourning Elias Gro* (2015) by Portuguese author João Tordo, considering the traumatic effects that plague them in the face of tragic situations. The novel brings geographical, architectural and literary spaces as buildings elements, but does not associate them to the history and name of a particular country. In an overall sense, the novel sets a reflection about the human fragility when facing situations of loss. Therefore, the essay *Mourning and melancholia*, by Sigmund Freud,

is used as an initial reference, as well as a basis for understanding the characters represented in the novel.

Keywords: melancholy; 21st-century portuguese novel; João Tordo.

O presente artigo analisa o romance *O luto de Elias Gro* (2015), do escritor português João Tordo¹, enfatizando passagens em que a dor, a solidão e a melancolia² se apresentam como aspectos marcantes nos comportamentos das personagens. Igualmente faz referência à importância do espaço e da literatura como companhia à dor e à solidão. Ao final, apresenta-se uma breve reflexão em torno do papel do luto e da melancolia na estruturação do sujeito quando se confronta com a perda, recorrendo ao ensaio *Luto e melancolia*, de Freud.

Igualmente o artigo decorre das reflexões iniciais efetuadas a partir do projeto de pesquisa *As relações entre memória e história: uma perspectiva do testemunho, do trauma e da melancolia nos romances*

¹ João Tordo nasceu em Lisboa a 28 de Agosto de 1975. Formou-se em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa. Ganhou o *Prémio José Saramago* em 2009 com o romance *As Três Vidas* (2008). Dentre os romances publicados até o momento constam os seguintes títulos: *O Livro dos Homens Sem Luz* (2004), *Hotel Memória* (2007), *O Bom Inverno* (2010), *Anatomia dos Mártires* (2011), *O Ano Sabático* (2013), *Biografia Involuntária dos Amantes* (2014), *O Luto de Elias Gro* (2015), *O Paraíso Segundo Lars D.* (2015), *O Deslumbre de Cecilia Fluss* (2017), *Ensina-me a voar sobre os telhados* (2018), *A mulher que correu atrás do vento* (2019), *A noite que o verão acabou* (2019) e *Felicidade* (2020).

² A melancolia é uma categoria que recebe atenção desde os gregos, em especial com Aristóteles, ganhando destaque mais tarde, na Idade Média, pela escolástica cristã e no Renascimento. Da vasta bibliografia sobre o assunto, mencionam-se, aqui, algumas referências: *A anatomia da melancolia*, de Robert Burton, *Origem do drama trágico alemão*, de Walter Benjamin, *Saturn and Melancoly*, de Raymond Klibanski, Erwin Panofsky e Fritz Saxl, a gravura *Melencolia I*, de Albrecht Dürer, *A casca e o núcleo*, de Nicholas Abraham e Maria Torok, *Estâncias: a palavra e fantasma na cultura ocidental*, de Giorgio Agamben, *A tinta da melancolia*, de Jean Starobinski, *Sol negro: depressão e melancolia*, de Julia Kristeva, *Mitologia da saudade*, de Eduardo Lourenço. No Brasil, entre os muitos estudos, encontram-se *Saturno nos trópicos*, de Moacyr Seliar, *Olhos turvos, mente errante – elementos melancólicos em Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo, de Jaime Ginzburg, *Benjamin: tradição e melancolia*, de Susana K. Lages e *Melancolia*, de Luiz Costa Lima.

portugueses do século XXI. O objetivo do projeto é investigar os romances portugueses publicados a partir do ano 2000, tomando como referência as categorias presentes no título da pesquisa. Tal recorte se deve, em parte, à presença de jovens autores³ que vem se destacando no cenário literário internacional. Em comum ao grupo de escritores ressalta-se a quantidade expressiva de publicações com respectivas premiações, bem como aquilo que Miguel Real (2012) ressalta como uma tendência cosmopolita do romance português publicado após os anos 2000. Tais obras se concentram em perspectivas globais, não se atendo apenas à história e a política de Portugal. Desta forma, é possível se deparar com enredos que ocorrem por espaços sem uma dimensão geográfica e histórica específicas, com personagens das mais variadas origens. Personagens estas que trazem e carregam consigo preocupações emocionais que acometem e simbolizam os sujeitos em distintos ambientes, não se vinculando ao universo regional e nacional português. É com base nesta última referência que se observa o romance *O luto de Elias Gro* como um retrato universal acerca das fragilidades do humano que, diante de situações de perda, se vê aprisionado pela dor e melancolia.

É nesse sentido que se observa a importância do ensaio *Luto e melancolia*, de Freud, para se compreender os danos sofridos pelas personagens do romance em análise. Como observa Paul Ricoeur, ao recorrer ao ensaio de Freud, é necessário como ponto crucial para o entendimento de memórias feridas, identificar o “obstáculo principal no qual o trabalho de interpretação esbarra no caminho da recordação das lembranças traumáticas” (RICOEUR, 2007, p. 84). É em relação à noção de trabalho, enunciada de forma verbal, que se torna possível falar da própria lembrança como de um trabalho de rememoração. No decorrer da narrativa de João Tordo, tal aspecto se torna recorrente, a fim de desvelar os dramas vividos pelas personagens.

A perda e seus efeitos traumáticos é uma das condições estruturantes do romance *O luto de Elias Gro*. A morte é um dos eixos norteadores, trazendo consigo as manifestações de dor, solidão e melancolia. Ao mesmo tempo, notam-se contrapontos importantes no enfrentamento à dor. Nesse sentido, a narrativa traz uma reflexão significativa sobre a fé diante de existências interrompidas por

³ Os autores em destaque são Gonçalo Tavares, Valter Hugo Mãe, José Luís Peixoto, Afonso Cruz, Patrícia Reis, João Tordo, Nuno Camarneiro, Jorge Reis-Sá, Paulo Varela Gomes, Francisco Camacho, Ana Margarida de Carvalho, Filipa Martins, Joana Bertholo, João Reis, entre muitos outros.

tragédias. A presença de Cristo é sintomática, pois, para uma parte das personagens, concentrar-se nela, origina para o sujeito conforto frente aos males da vida. Soma-se a isso a importância das amizades como auxiliar na condução da vida terrena.

As personagens travam embates entre a crença e a descrença a Deus. Movidos entre a fé e a incredulidade, há um debate sobre a necessidade de se crer numa entidade superior e divina em contraponto aos designios aleatórios dos acontecimentos. Este crer não estaria obrigatoriamente relacionado às religiões, podendo ser cultivado de forma individual e solitária. Tais observações gerais resultam dos diálogos entre um personagem narrador, um homem que não recebe nomeação no romance⁴, e Elias⁵, um sacerdote que atende aos moradores de uma ilha. Tal espaço serve de refúgio ao personagem narrador da história depois que este fora atingido por uma perda aniquiladora. A ilha representa a tentativa de viver o luto. Mergulhada numa tristeza intensa, a personagem aluga um antigo farol desativado. Seu definhamento é gradual. Não obtendo resposta ao seu martírio, naufraga, a cada hora, numa lassidão e desalento absolutos.

Em contrapartida ao sofrimento do narrador, a personagem Elias, apoiando-se na figura de Cristo, crê na salvação e no cuidado aos outros. Resistente ao pensamento do padre, o personagem narrador desafia a esperança de uma vida cheia de confiança. Entrega-se diariamente à bebida, acolhido por um cotidiano sem propósito, sendo tomado por uma melancolia extrema. Elias acompanha a trajetória do personagem narrador, promovendo pequenos atos que pretendem tirá-lo do desânimo. Dois projetos de vida se apresentam: uma personagem que desiste de viver; a outra, que, mesmo devastado por um passado de dores, crê no desenvolvimento de sonhos positivos para humanidade.

Outros aspectos importantes para a compreensão das personagens são os espaços geográfico, arquitetônico e literário. O primeiro refere-

⁴ Pouco se sabe acerca das origens dessa personagem que relata o seu trauma. Não há informações do lugar de nascimento ou de locais onde viveu. Muda-se para uma ilha que igualmente não recebe denominação. O romance *O luto de Elias Gro* é o segundo de uma trilogia que recebera a seguinte menção: “dos lugares sem nome”, em que situações, fatos e nomes de personagens se revezam no decorrer dos três livros. Os outros dois romances são *O paraíso segundo Lars D.* (2015) e o *O deslumbre de Cecília Fluss* (2017).

⁵ Este embate também diz respeito às passagens envolvendo as personagens Lars Drosler, um escritor ateu, e Xavier, um ex-combatente de guerra, que atua como faroleiro na ilha.

-se à ilha e ao seu papel na configuração da comunidade. A condição insular condiciona um modo de ser e estar cujo limite está expresso, ora no extravasamento, ora na contenção. O imaginário ilhéu se mantém através dos ritos desde longa data.

O segundo refere-se ao farol e a Casa das Águas como lugares de memória. Ambos representam a história do lugar ao acolher personagens significativos na tradução do imaginário local. O terceiro diz respeito aos escritos de Drosler e aos contos de Jorge Luís Borges.

Em relação à manifestação da literatura, se observa em *O luto de Elias Gro*, que o relato empreendido pela personagem narrador revela-se por meio de uma escrita alicerçada numa estruturação irregular. Talvez diante da urgência de narrar fatos traumáticos, a escrita constrói-se sem a divisão em capítulos numa torrente de acontecimentos, reflexões, diálogos, lembranças, biografias, expostas em 323 páginas que, segundo o autor do relato, ainda escondera coisas, devido à sua incapacidade de contar. Como observa Márcio Seligmann-Silva (2008) ao tratar dos sobreviventes de tragédias, uma das condições de sobrevivência está na ideia do testemunho e como tal sua necessidade implícita em contar aos outros, fazendo com que esses ouçam tais narrativas. De acordo com Seligmann-Silva, a narrativa “seria a picareta que poderia ajudar a derrubar o muro” do silêncio, permitindo que o sobrevivente do trauma “inicie seu trabalho de religação ao mundo”. Desta forma, narrar o trauma “tem sentido primário de desejo de renascer” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66).

Em vista do embate acima mencionado entre o personagem narrador e Elias, o romance apresenta situações similares vividas por outras duas personagens. É o caso do escritor dinamarquês Lars Drosler e o faroleiro François Xavier que igualmente estiveram marcados pela solidão e pela melancolia, buscando sobreviver aos seus medos e traumas. Há, nesse sentido, um espelhamento, repetindo nas personagens as dores da perda ou do infortúnio, embora se tenham dado em períodos distintos.

No passado, por alguma razão, Lars Drosler abandona a vida cidadina, refugiando-se na ilha. Vive, durante muitos anos, na Casa das Águas, que, após a sua morte, fora engolida pelo mar. Xavier, ao retornar da guerra, ferido, igualmente se abriga naquele território, vivendo solitariamente no farol, na época ainda em funcionamento. Ambos travam contato, mostrando-se distintas visões acerca da existência de Deus. No período, a personagem Elias é um menino que sofre com a morte prematura da mãe e com a violência do pai. O menino se aproxima do escritor que se mostra, num primeiro momento, solícito.

Depois, Lars Drosler torna-se indiferente à presença do rapaz. É Xavier que acolhe Elias, dizendo da importância de Deus e Cristo na vida dos homens.

Fragmentos da vida de Elias criança e adolescente são narrados nos diários deixados por Drosler. Estes, somados a um revólver, foram recolhidos de um baú, numa operação de resgate depois que a Casa das Águas⁶ afundara. Tais objetos são significativos para a compreensão do passado de Elias. A arma e os diários revelam momentos do padre na adolescência. É através da leitura do diário realizado por Cecília, a filha do padre, juntamente com o personagem narrador que se descortina o passado de Elias. Observa-se também a vida solitária de Drosler e as diferenças de pensamento deste com as de Xavier.

A leitura dos cadernos de Lars revela o comportamento melancólico do escritor. O episódio em que Elias vai à casa de Drosler e este não atende ao garoto, expulsando-o, expõe a “parede da melancolia” (TORDO, 2015, p. 171) que aponta um quadro em crescente declínio do escritor. Embora Elias necessite de ajuda, Drosler é tomado por “uma repugnância pelos outros” (TORDO, 2014, p. 171).

Em contraponto ao comportamento melancólico das personagens masculinas, duas figuras femininas se apresentam como alento diante de um universo funesto. Uma delas é a personagem Alma que, sobrevivente a um naufrágio, mostra-se sempre solidária, embora pese sobre ela a perda de uma filha. Alma acolhe Elias em sua doença, auxilia o personagem narrador e, mesmo após o divórcio, fornece almoço ao ex-marido. Auxilia Cecília, revelando-se uma mulher prática e decidida.

Cecília é outra figura importante. Em seus 11 anos, a menina mostra-se curiosa, questionadora. Embora seja vista, por vezes, como uma criança impertinente pelo personagem narrador, é importante na vida deste, estimulando-o, em última instância, a assumir compromissos, interrogando-o acerca de sua paralisia perante a vida. Uma maior aproximação da menina com o personagem narrador ocorre com a leitura dos cadernos⁷ de Drosler e a doença de Elias. Se por alguns

⁶ A Casa das Águas como é denominada pelos moradores da ilha possui importância ao trazer para o presente a memória do passado, em especial para Elias. Nesse sentido, o padre possui um projeto que é a reconstrução do imóvel como uma maneira de valorização do lugar. Além de Lars Drosler, o escritor dinamarquês, que trocara a vida urbana pelo refúgio numa ilha isolada, outras famílias moraram no local.

⁷ Tais cadernos são diários de Lars Drosler, caso aceitemos as proposições a seguir: Ao caracterizar o diário, Philippe Lejeune estabelece como base essencial dessa forma

momentos Cecília dá sentido à vida do narrador, é o narrador que a ampara quando da morte do pai, intercedendo de forma crucial no gesto quase fatal da garota.

Na sequência da abordagem, examinam-se os diários do escritor Lars Drosler e as motivações que o levaram a viver uma vida de apátrida numa ilha. Tais informações derivam da leitura feita por Cecília e pelo personagem narrador, o que condiciona o conhecimento da provável vida do escritor na ilha⁸.

Drosler, segundo o personagem narrador, armazenara num baú “quinze cadernos e centenas de páginas” (TORDO, 2015, p. 132), muitas delas ilegíveis, outras escritas em dinamarquês o que impede a Cecília e ao próprio narrador de as lerem. Havia ainda dois livros completos, correspondências, pequenos textos e apontamentos que foram deixados de lado pelos dois leitores que se concentram nos cadernos. Uma das primeiras constatações feitas pelo narrador é que a melancolia e o “desespero rasgavam” a prosa de Drosler. De acordo com o narrador, o escritor dinamarquês,

era capaz do remate mais doce numa frase que terminava com a observação da coisa mais singela para, a seguir, no espaço de dois parágrafos, encetar uma aguda deambulação sobre a mortalidade (TORDO, 2015, p. 132).

Segue comentando:

narrativa a data. Segundo o autor, o primeiro gesto do diarista é anotar a data daquilo que escreverá. Um diário sem data não passa de uma caderneta. A datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital, adverte o estudioso. De acordo com Lejeune, um diário mais tarde modificado terá perdido o essencial: “a autenticidade do momento. Quando soa meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia” (LEJEUNE, 2008, p. 260), conclui o autor.

⁸ Embora o personagem narrador não ponha em descrédito as revelações feitas pelos cadernos de Lars, ele menciona que, para Cecília, as informações ali contidas sobre o pai não passavam de ficção. Escreve o narrador: “Entendi nesse momento que, até então, talvez tudo o que houvéssemos lido dos diários de Drosler parecesse, a Cecília, uma ficção” (TORDO, 2014, p. 178), pois, para a menina, “era natural que todas as referências a um Elias muito jovem se assemelhassem às descrições de uma personagem. Como poderia ela levar a sério um texto que falava do seu pai com quinze ou dezasseis anos” (TORDO, 2015, p. 178).

A irregularidade das entradas nos diários mostrava o caráter profundamente instável de Drosler. Era frequente que uma entrada fosse bruscamente interrompida por um desenho macabro de um de seus homens, de olhos vazios como a noite, a cabeça atravessada por uma faca sangrenta ou trespassada por um machado; ou deitado no chão com cruzeiros no lugar dos glóbulos oculares, denunciando a morte prematura (TORDO, 2015, p. 132).

O personagem narrador confessa que, ao examinar tais desenhos, um mal estar lhe assoma, alimentando uma raiva interior. Para Cecília, o escritor não “tinha muito jeito para o desenho” (TORDO, 2015, p. 132).

Drosler chegara à ilha em 1950, com 27 anos, acompanhado de três pessoas. Vivera desde a adolescência em Copenhague, embora tenha nascido em Odense. Num dos trechos, lê-se que o escritor está no “limiar do desespero” (TORDO, 2015, p. 134), onde “gotas de suor que se misturam com lágrimas” (TORDO, 2015, p. 134), brotam de seu rosto, estando “possuído de uma raiva infinita e de uma frustração que o poderão levar a saltar de uma escuridão, sepultando-se nas rochas” (TORDO, 2015, p. 134). Drosler amaldiçoa cidades da Dinamarca, disfarçadas de “províncias liberais” (TORDO, 2015, p. 136). Escreve sobre o amor por outro homem, ao mesmo tempo, diz de seu desejo de matá-lo. Sente-se traído, faltando-lhe vitalidade diante dos apelos carnavais oferecidos.

Neste momento, o personagem narrador interroga-se se seria adequado “deixar que Cecília prosseguisse a leitura” (TORDO, 2015, p. 136). Decide dar continuidade. Retoma a leitura do episódio do encontro entre Drosler e Xavier no farol. Xavier põe nas mãos do escritor um revólver, afirmando que a escolha para se suicidar é de Drosler. Com o revólver encaixado na mão, sente “o coldre seco contra a textura delicada da pele” (TORDO, 2015, p. 144). O escritor deixa o revólver pender da mão e conclui que, se o problema é ele, “porque não atacar o problema pela raiz e começar a tirar a sua própria vida” (TORDO, 2015, p. 144). Na sequência, os dedos perdem força e o revólver lhe escapa, caindo ao chão. Cansado, o escritor adormece. Ao acordar, depara-se com a presença de uma criança que empunha a arma, apontando-a para sua cabeça.⁹ A criança não dispara, pedindo desculpa ao escritor. Elias é o nome dela, pai de Cecília.

⁹ Essa criança aponta-lhe agora o cano curto do revólver à testa. Ainda que o final redondo do cano trema, bastará o premir do gatilho – propositado ou provocado por

Na passagem, o conflito em seguir vivendo ou não, aspecto recorrente na vida do escritor, expressa o sentimento do personagem narrador que revela um Drosler acometido de estados meditabundos, depressões violentas, levando-o sempre a imaginar a sua morte. Em resumo,

Imaginava-se a cair de um barranco e a bater a cabeça numa grande pedra. O sangue derramado atraía a atenção dos corvos, que vinham lhe bicar os olhos, e sepultavam-no assim mesmo, na sua terra natal de Odense. Uma noite, os mesmos pássaros faziam a viagem da Ilha até a Dinamarca e, pousando gentilmente sobre a sepultura de Drosler, levavam no bico os olhos do escritor, que largavam na terra húmida (p. 159).

Cecília, segundo o narrador, rira da descrição. No decorrer dos apontamentos, Drosler abandona a vida da Dinamarca e as viagens a Paris, fixando-se na ilha, habituando-se à solidão como modo de vida. A partir disso, dedica-se integralmente à escrita, convicto de duas coisas: “da razão e da ausência de um deus” (TORDO, 2015, p. 163).

Parte do conhecimento que se tem de Elias Gro provém da leitura dos diários de Drosler. Nestes, as dificuldades da personagem são expostas. De outro modo, os diálogos com o personagem narrador permitem igualmente se conhecer o passado, as crenças e os sonhos de Elias. Doente, preso a uma cama, confessa seu medo da morte, reportando a doenças da infância, a importância do ateu Drosler para sua conversão a Deus, a ideia de reconstruir a Casa das Águas. Recorda também do período em que a doença atingira a esposa e a levava à morte. Diz:

Cecília tinha poucos meses. A doença começou com uma dorzinha, a Merete dizia que lhe doíam os dedos das mãos, as falanges, que lhe custava dobrá-los. Depois queixava-se dos ossos da bacia, ela era tão magra, e também de dores nos tornozelos. Revirava-se à noite, gemia. Ficava acordada. Eu despertava com a cidade a zunir lá fora e a Merete encostada à almofada, a suar, embalando a Cecília. São as últimas memórias que tenho

um impulso involuntário do sistema nervoso – para que a vida de Drosler termine num instante (TORDO, 2015, p. 146).

dela. Pouco tempo depois, a Merete já não conseguia andar. A seguir, passamos umas semanas no hospital e, de repente, ela foi-se. Cancro nos ossos (TORDO, 2015, p. 272-273).

O luto, diz Elias, pode se transformar em algo agradável, não terminando quando se quer, restando-nos a espera. É preciso “Aguentar, resistir, esperar que as coisas se transformem noutras. Sobreviver é encontrar um sentido para o sofrimento” (TORDO, 2015, p. 272-273). E continua a falar da dor frente às perdas:

Drosler morreu quando eu tinha dezassete anos. Encontraram-no pendurado de uma viga dentro de casa. Uma corda grossa ao pescoço. É certo que sofri. Também sofri quando o Xavier partiu, embora o faroleiro tenha partido com a dignidade da morte natural. Mas quando chegou a hora dela! Encontrei a ferida aberta aqui dentro, já não era pelo outros que sofria, era por mim, e então senti-me doente, tão doente quanto um homem do meu tamanho pode sentir-se. Larguei o trabalho e fechei-me em casa com Cecília. Durante muito tempo não saí. Observava os entendais dos vizinhos, e o prédio fronteiro, e as luzes que se acendiam e apagavam. Ouvia do quarto, o choro da minha filha. As coisas da Merete estavam por toda a parte, objetos contaminados de amor. Brasas tiradas de uma fornalha e jogadas ao acaso pela casa. Nesses dias afundei-me. Afundei-me renegando tudo, julgando assim poder levar o passado comigo para as profundezas (TORDO, 2015. p. 275).

No período rememorado, Elias perde a guarda de Cecília, deixando-o ainda mais frágil. Todo o mobiliário da casa é levado. Água e luz são cortadas. Deixa de cuidar de si, abolindo banho, corte de cabelo e barba, igualando-se ao estado atual do personagem narrador e adverte:

Nós, os humanos, somos uma carrada de coisas malcheirosas ocultas debaixo de outras que precisam de muito cuidado. Se não tivermos esse cuidado, o que está lá embaixo vem ao de cima (TORDO, 2015. p. 276).

Depois de um período de depressão e pesar, Elias recorda a chegada de Alma num determinado dia e sua importância na sua recuperação. Regressa à convivência social, organizando-se em torno da filha que lhe fora devolvida com a intervenção de Alma junto à justiça. Ao final da conversa com o narrador, tendo consciência da gravidade do sua doença e temendo pelos cuidados de Cecília, pede que cuide da filha.

Com o relato do personagem narrador, descobre-se ser esta uma das preocupações centrais de Elias. Sua doença e a idade avançada de Alma e dos demais moradores da ilha não havia garantia de segurança futura à Cecília. Desta forma, desde o primeiro encontro casual entre o narrador e a filha, o projeto de Elias é criar condições para que o narrador se ocupe dos cuidados da menina. Como Elias, também o homem que ali chegara atravessa um período de luto, perdendo o desejo de viver, como se sua vida tivesse subitamente privada de sentido, entrando num período de resignação, passivamente à espera da morte. A superação do luto está no acolher de Cecília.

É o que se pode chamar de um processo de elaboração ou de perlaboração, vinculado ao conceito de trabalho, exposto por Freud como trabalho de luto que difere da melancolia, sentimento que parece prosperar em Drosler e no narrador. O estado melancólico, diferente do luto, é um sentimento de desvalorização, de empobrecimento e de esvaziamento do eu. No luto, o mundo torna-se vazio devido à ausência da pessoa amada. Na melancolia, é o próprio eu que se esvazia, não tendo mais força para viver novamente, podendo levar o sujeito ao suicídio, fato este que acomete o escritor dinamarquês.

O luto de Elias se iguala ao do personagem narrador que relembra, a todo instante, a perda da filha e o abandono da mulher. Recorda a vida conjugal, refletindo sobre seu estado melancólico. São as memórias desse período que são reconstruídas e redigidas textualmente a alguém que se desconhece. Sabe-se, desde o início do relato, que os acontecimentos ocorreram há muito tempo e que o personagem narrador não habita mais a ilha.

Em seu testemunho, o mudar-se para uma ilha, evitando contato social, seria o melhor meio de fazê-lo esquecer-se do drama pessoal. A bebida e o uso de uma luva de boxe, para esmurrar a tristeza, aumentariam a capacidade de resistência perante o sofrimento. Em meio à vida na ilha, recorda o primeiro contato com a ex-mulher, a curiosa atenção à sua estranha figura, bem como aos efeitos que a perda causara, remetendo-o à solidão. Segundo o narrador, a ex-mulher, denominada no texto de A.,

caminhava com as pernas ligeiramente afastadas. Era magra e roía as unhas até à cutícula, pouco lhe restava de feminino nos dedos carcomidos. Cheirava a suor e a uma substância qualquer que usava para limpar pincéis. Tudo em A. gritava isolamento; tudo nela era calculado para manter os humanos a uma distância segura. Achei-a muito inteligente. Uma inteligência construída a partir de dentro, como alguém que vive numa caverna escura, presentindo as sombras (TORDO, 2015, p. 42).

Nesse sentido, Paul Ricoeur (2007) defende um lembrar ativo, isto é, um trabalho de elaboração e de luto em relação ao passado, realizado por meio de um esforço de compreensão e de esclarecimento. Segundo Jeanne Marie Gagnebin (2006, p. 105), “um trabalho que lembra os mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos”.

A vida solitária na ilha aumentara as recordações de A, criando um efeito contrário do pretendido. A ex-mulher lhe chamava Narciso, recomendando-lhe que guardasse para si aquilo que encontrara, pois, segundo a ex-mulher, “nos momentos em que o Narciso desespera, é mais fácil perdemo-nos num labirinto de conspirações, como um pugilista que se debate com a sua própria sombra” (TORDO, 2015, p. 116). Para A., “conspirar contra nós próprios, sabotando-nos; conspirar contra, por consequência, contra a coisa amada” (TORDO, 2015, p. 116).

O refúgio na ilha foi a tentativa falhada de absorver a perda. Além de o constante relembrar da ex-mulher, o narrador traz igualmente a imagem de um médico com quem estabelece diálogos a respeito de sua situação. Em um dos episódios, ainda sob o efeito da ingestão de uma garrafa de *whisky*, se depara com a imagem de um médico. Conta sua história ao fantasma, mencionando, entre outros aspectos, a difícil convivência com A. depois que perdera a criança, acusando-o a si mesmo de negligente. Em seu delírio, culpa-se pelo acontecido ao afirmar que “por descuido deixamos uma criança sozinha durante um minuto e alguém a leva” (TORDO, 2015, p. 195). E continua: “por desatenção voltamos a cabeça quando deveríamos estar a olhar em frente e precipitamos o desastre” (TORDO, 2015, p. 195). A voz do médico soa como se fosse uma realidade material, ferindo a consciência traumatizada de um homem:

As pessoas são feitas de porcelana. Lascam com facilidade, instigam em nós a urgência de não as deixar cair.

Partem-se em pedaços se as largamos. Esses pedaços são inconsoláveis. É impossível tornarmos a juntá-los e, se o tentamos, ficaremos para sempre a observar as rachas que inadvertidamente lhes causámos, cicatrizes que não passam. Por mais que as pessoas jurem que são feitas de porcelana, da mais frágil e dispendiosa (TORDO, 2015, p. 196).

Diante do quadro de exemplos mencionados, em que as recordações revelam estados imersos em solidão e melancolia, tais comportamentos pode ser aproximados com as reflexões de Freud, no ensaio *Luto e melancolia*. O ponto de partida do psicanalista é a análise de perdas significativas. Perdas essas que conduzem o sujeito a um superinvestimento na representação do objeto perdido, numa tentativa de mantê-lo presente. Duas linhas de ação decorrem dessa situação. A primeira seria a realização do luto, “presumido como diretamente acessível, pelo menos num primeiro momento” (RICOEUR, 2007, p. 85). A segunda linha, consequência do fracasso da primeira, seria a impossibilidade de abandono do investimento no objeto perdido, levando o sujeito à melancolia.¹⁰

O luto, para Freud, é “a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como país, a liberdade ou ideal de alguém” (FREUD, 1988, p. 249). O trabalho de luto é realizado quando, não existindo mais o objeto amado, a libido é retirada do mesmo, afastando qualquer ligação entre ambos. Todavia, o abandono de uma posição libidinal não se constitui em tarefa fácil, nem mesmo quando da já apresentação de um substituto. É necessário grande dispêndio de tempo e energia catexial,¹¹ prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido. Todavia, quando da conclusão do trabalho de luto, o sujeito fica livre e desimpedido novamente.¹²

¹⁰ É neste ponto que o personagem narrador expressa, na sua confissão, as dificuldades de superação das perdas, recordando sempre a figura da ex-mulher e a traumática morte da filha. Cada objeto ou situação serve como elemento para trazer a si a lembrança de um passado terrível.

¹¹ Segundo Freud, catexia é o processo por meio do qual a energia libidinal contida na psique é relacionada ou aplicada na representação mental de um indivíduo, coisa ou ideia.

¹² Como foi descrito, a personagem Elias, no seu leito de morte, confessa ao personagem narrador as dificuldades que tivera em proceder ao luto. Ao perder a esposa, depara-se, tal como aquele, com um brutal desalento, abdicando da vontade de viver.

De outro modo, o estado melancólico pode ser resultado do que Freud aponta como uma “perda de natureza mais ideal” (FREUD, 1988, p. 251), isto é, “o objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor” (FREUD, 1988, p. 251). Desta forma, não se pode ver claramente o que foi perdido. Ainda que o sujeito esteja consciente da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém ou algo. Isso sugeriria que a melancolia, de acordo com Freud, “está de alguma forma relacionada a uma perda objetual retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda” (FREUD, 1988, p. 251). Na melancolia, a perda desconhecida resultará num trabalho interno tal como no luto, e será, portanto, responsável pela inibição melancólica. Todavia, “a diferença consiste em que a inibição do melancólico nos parece enigmática porque não podemos ver o que é que o está absorvendo tão completamente” (FREUD, 1988, p. 251).

Os principais traços da melancolia estão presentes no sujeito enlutado. Em ambas as situações, Freud descreve “um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar” (FREUD, 1988, p. 250). Todavia, no sujeito melancólico há uma diminuição dos sentimentos de auto-estima, algo ausente no luto. Há, auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando, segundo o psicanalista, “numa expectativa delirante de punição” (FREUD, 1988, p. 250).¹³

Para Freud, “seria infrutífero, de um ponto de vista científico e terapêutico, contradizer um paciente que faz tais acusações contra seu ego”. Na visão do psicanalista, de alguma forma ele deve estar com razão. Deve-se, portanto, confirmar de imediato, e sem reservas, algumas de suas declarações. O sujeito tomado pela melancolia se encontra de fato tão desinteressante e tão incapaz de amor e de realização quanto o afirma. Quando, diz Freud, em sua exacerbada autocrítica, ele se descreve

A conversão de Elias a Cristo, auxiliado pelo faroleiro François Xavier, é fundamental para que o padre recupere o gosto pelo viver. Igualmente a presença da filha, recém-nascida, torna-se, gradativamente, uma experiência especial e uma nova aprendizagem para a personagem.

¹³ De outro modo, Freud, na interpretação de Agamben, acena ao “eventual caráter fantasmático do processo melancólico, observando que a revolta contra a perda do objeto de amor pode chegar a tal ponto que o sujeito se esquiva da realidade e se apega ao objeto perdido graças a uma psicose alucinatória do desejo” (AGAMBEN, 2007, p. 48).

como mesquinho, egoísta, desonesto, carente de independência, pode ser, até onde se sabe, que tenha chegado bem perto de se compreender a si mesmo. No entanto, Freud observa com perspicácia: “ficamos imaginando, tão-somente, por que um homem precisa adoecer para ter acesso a uma verdade dessa espécie” (FREUD, 1988, p. 252).

As feridas deixadas pelas tragédias integram grande parte dos episódios em *O luto de Elias Gro*, expressos desde o título. Cada personagem, a seu modo, absorve traumas, buscando soluções. Ora, na radicalidade da solidão, como revela o personagem narrador, ora na do suicídio, assinalado na experiência do escritor dinamarquês Drosler, ora na experiência divina, convertendo-se à palavra de Cristo como Elias Gro.

Todos, sem exceção, passam pelo exercício do luto através do trabalho da rememoração, da fala e da escrita.¹⁴ O sacrifício se dá através da dor e da melancolia, formas de travessia que conduzem o sujeito à exaustão existencial que, por vezes, pode levá-lo à morte, mas também pode oferecer uma possibilidade nova de encontros por meio da reflexão e da solidariedade. Talvez seja esta uma das provas do romance *O luto de Elias Gro*: a amizade como fonte de redenção diante das tristezas que a vida, por vezes, apresenta. Neste caso, a esperança igualmente pode ser o passo seguinte na abordagem do livro.

¹⁴ No capítulo *Morte e melancolia*, do livro *Literatura, violência e melancolia* (2013), Jaime Ginzburg propõe a seguinte questão: “Como fala um melancólico?”. Para responder, recorre a Hipócrates que, segundo Ginzburg, se atribui a primeira concepção acerca do conceito de melancolia. Hipócrates diz: “se o medo e a tristeza duram muito tempo, tal estado é próprio da melancolia” (GINZBURG, 2013, p. 47). Tal formulação teve desdobramentos importantes na obra de Constantino El Africano para quem “os acidentes que a partir [da melancolia] sucedem na alma parecem ser o medo e a tristeza. Ambos são péssimos, porque confundem a alma. Com efeito, a definição de tristeza é a perda do muito intensamente amado. O medo é a suspeita de que algo ocasionará dano” (GINZBURG, 2013, p. 48). Melancólicos são aqueles que perdem seus filhos e amigos queridos, ou algo valioso que não podem restaurar. Desta forma, Ginzburg observa que o melancólico “estaria em uma espécie de ponto de mediação temporal, a partir do qual vê com sofrimento o passado, em razão das perdas, e se inquieta com o futuro, pelo medo de um possível dano” (GINZBURG, 2013, p. 48). Assim, Ginzburg faz o seguinte questionamento: “como falar valendo-se desse lugar em que não há sossego? Em que o passado é doloroso, e o futuro não oferece paz?”

Referências

AGAMBEN, G. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: AGAMBEN, G. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: *A história do movimento psicanalítico* (1914-1916). Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, v. 4. 1988.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas: Autores Associados, 2013.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

REAL, Miguel. *O romance português contemporâneo (1950-2010)*. Lisboa: Caminho, 2012.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82. 2008.

TORDO, João. *O luto de Elias Gro*. Lisboa: Companhia das Letras, 2015.

Data de recebimento: 29/03/2021

Data de aprovação: 17/06/2021